

Cobertura de conflitos orientada para a paz: articulações na reportagem de Bru Rovira¹

Tayane Aidar Abib²

Resumo

Este artigo desenvolve um percurso de investigação interessado em aproximar os campos da Comunicação e dos Estudos para a Paz a partir do jornalismo do repórter catalão Bru Rovira. Dedicar-se, de maneira específica, a analisar o seu texto *Liberia: la guerra de los tempos modernos*, publicado em 2004 no diário espanhol *La Vanguardia*, de modo a identificar diálogos entre suas estratégias narrativas e a perspectiva de cobertura de conflitos orientada para a paz, conforme as proposições de Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000).

Palavras-chave

Comunicação intercultural; Jornalismo para a paz; Cobertura de conflitos; Bru Rovira.

Introdução

A morte de Francisco Franco Bahamonde, militar que esteve à frente da ditadura espanhola do final da Guerra Civil, em 1939, até 1975, é considerada não apenas um marco político na história da sociedade espanhola, com o início do reinado de Juan Carlos I, de Borbón, mas também um ponto de inflexão importante ao jornalismo do país. Se até então os setores da imprensa e radiodifusão locais estavam convertidos em canais de doutrinação político e ideológico, o período da transição espanhola à democracia impulsionou o protagonismo do jornalismo na luta pela consolidação de um sistema de liberdades dentro e fora das redações. Foram os anos dourados da imprensa espanhola, conforme relatado em entrevista por jornalistas dessa geração³, com o resgate e o fortalecimento de seu valor social a partir de uma aposta muito clara pelo *reporterismo* e pelo ofício narrativo. Para além do tom ora partidário, ora informativo que caracterizara os meios espanhóis dos últimos três séculos, a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação Intercultural e Interseccionalidade, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, e-mail: tayane.abib@unesp.br.

³ Citamos os jornalistas entrevistados: Lluís Foix, Josep Carles Rius, Juan José Caballero, Inmaculada Sanchís, Alfonso Armada, Gervásio Sánchez, além do repórter Bru Rovira. Essa proposta de estudo desdobra-se de projeto desenvolvido no Observatorio de Cobertura de Conflictos (Universitat Autònoma de Barcelona), com financiamento Fapesp – processo 2018/23954-3.

dinâmica jornalística emergente do franquismo assumiu, assim, a complexidade da escritura e o exercício autoral e investigativo como marcos distintivos de suas coberturas.

É neste contexto sócio-histórico que se inscreve a atuação jornalística de Bru Rovira, cujos trabalhos de reportagem elegemos aqui analisar. Da escola de Ryszard Kapuściński (1932-2007), o repórter catalão especializou-se na cobertura de temas sociais e internacionais, tendo dedicado décadas de sua carreira a compreender a reconfiguração geopolítica da região dos Balcãs e da África subsaariana no pós-Guerra Fria. Durante os anos 1990, teve a oportunidade de reportar conflitos que assolaram Somália, Ruanda, Sudão do Sul, República Democrática do Congo e Libéria, colaborando com a seção *La Revista* do jornal *La Vanguardia*, de Barcelona – uma publicação diária, nas duas páginas centrais do jornal, criada como projeto do periódico para reformular-se gráfica e editorialmente.

Especificamente para este estudo, optamos por dedicar atenção especial ao texto *Liberia: la guerra de los tempos modernos*, que é também capítulo da obra *África: cosas que pasan no tan lejos* (2006), de modo a identificar aproximações entre a prática jornalística de Rovira e a perspectiva da Comunicação para a Paz (GALTUNG, 1996; GUZMÁN, 2001; LYNCH e MCGOLDRICK, 2000). Sublinhando as incursões narrativas de Rovira sentido a uma cobertura orientada ao conflito (e não à violência), à verdade (e não à propaganda), à gente (e não às elites), e à solução (e não à vitória), buscaremos evidenciar, assim, um aparato noticioso divergente dos tradicionais modos de produção jornalística.

A narrativa jornalística de Bru Rovira

Podemos elaborar uma espécie de resumo biográfico, a apresentar a vida do jornalista em fatos datados e diretos, como pede o *lead* noticioso: Bru Rovira i Jarque nasceu em Barcelona, em 1955, trabalhou nas revistas espanholas *Arreu*, *Primeras Noticias* e *La guía del ocio*, e nos diários *Tele/Exprés*, *El Noticiero Universal*, *Avui*, *La Vanguardia* e *Ara*. Atualmente, colabora com o programa *A vivir que son dos días*, transmitido aos sábados e domingos pela emissora *Sociedad Española de Radiodifusión* (SER), do conglomerado midiático PRISA. Sua trajetória profissional, no entanto, está marcada pelos 25 anos de atuação como repórter no jornal *La Vanguardia*, onde se destacou na cobertura de pautas sociais e internacionais, e recebeu os prêmios Miguel Gil Moreno (2002) e Ortega y Gasset (2004) pelo conjunto de seu trabalho.

O exercício jornalístico que se está a defender neste estudo, entretanto, demanda um movimento de aproximação para ir além dos simples dados e alcançar a complexidade das

histórias. Sendo assim, é importante começar destacando que Rovira fez escola em um ambiente de resistência e com figuras referências ao jornalismo catalão, como Josep María Huertas Clavería, Joaquín Ibarz e Manuel Vázquez Montalbán, que lutaram pela defesa da liberdade de imprensa durante o regime ditatorial de Francisco Franco (1939-1975), desde o *Grup Democràtic de Periodistes*. Inspirou-se, também, no trabalho de Ryszard Kapuściński, sobretudo em suas incursões pelo continente africano, fazendo da atitude de reportar a partir de personagens anônimos a peça chave de sua conduta profissional.

Da convicção do historiador e repórter polaco de que, “para se ter direito a explicar, é preciso ter um conhecimento direto, físico, emotivo, olfativo sobre aquilo que se fala” (KAPUSCINSKI, 2002, p. 15, tradução nossa), Rovira aprendeu o valor da observação às pequenas coisas. Identificar aqueles detalhes que significam aos sujeitos, que conferem sentido ao seu cotidiano e acabam por conectar suas micro-realidades a dimensões sociopolíticas mais amplas. São os elementos aparentemente simples, afinal, que carregam a potência de uma história, com sua vitalidade, suas contradições e fragilidades. O jornalismo, como ensina Kapuściński (2002, p. 37, tradução nossa), é também ofício de emoções, já que “a fonte principal de seu trabalho são ‘os outros’”. E, para Rovira (2019, informação verbal⁴), é pelo escopo que atrela os diminutos da cotidianidade às subjetividades humanas que somos capazes de alcançar a complexidade do real – como uma espécie de porta de entrada à compreensão das redes contextuais que formam a vida em sociedade.

Se o mundo pode ser explorado desde uma multiplicidade de rotas, Rovira elege adentrá-lo pelas vias secundárias. Investindo no caminho e sem se preocupar em acelerar a chegada, é como se o repórter preferisse tomar as pistas vicinais, em alusão às viagens de automóvel que cruzam as regiões interioranas, assim disfrutando o percurso e dedicando interesse aos seus entornos. Aplicada ao jornalismo, essa dinâmica assume a configuração de uma prática contracorrente: diante de um processo de produção noticioso acomodado pelas rotinas profissionais, manifesta-se como atitude vital de oposição às narrativas centradas nas figuras oficiais, sinalizando para uma espécie de jornalismo de antipoder.

Na ideia de *carreteras* secundárias, portanto, está a conduta propositiva do repórter catalão de resgatar o protagonismo de pessoas e temas marginalizados pelas coberturas midiáticas hegemônicas, de modo a convertê-los em peças centrais nas discussões acerca das problemáticas socioculturais. Aos tradicionais saberes de reconhecimento, procedimento e narração (TRAQUINA, 2005), que direcionam o modelo informativo em função de critérios de

⁴ Entrevista concedida em 02 de outubro de 2019, como parte de projeto de pesquisa (FAPESP/processo 2018/23954-3) sobre a obra jornalística de Bru Rovira e a atuação da imprensa espanhola no período pós-franquismo.

noticiabilidade, predileção por fontes oficiais e redação em formatos de *lead* e pirâmide invertida (LAGE, 2005), a aceção de *carreteras* secundárias fundamenta possibilidades de coberturas de fôlego, onde o valor está na construção de sentidos tecida por cada sujeito, no compartilhar entre repórter e personagens, e na tomada de uma escritura que, antes de aplicar fórmulas, busca encontrar os pontos de cadência entre os acontecimentos, através de uma vinculação com seus contextos.

Trata-se de um *modus operandi* que Bru Rovira manifestou com potência e liberdade em seus anos de *reporterismo* para o jornal espanhol *La Vanguardia*, sobretudo no período em que contribuiu com as seções *La Revista*⁵ (1989-1997) e *El Magazine* (1997-2009) do diário. Foi uma etapa, conforme relata Juan José Caballero, redator-chefe do diário de 1982 a 2009, em que havia um projeto editorial interessado em desenvolver “uma visão distinta das notícias, mais aprofundada, sob as chaves da reportagem e da narração” (2019, informação verbal⁶, tradução nossa). Uma aposta, em outras palavras, pela singularidade na escolha das pautas e um cuidado com o tratamento narrativo, na concretização do lema “ver, ouvir e contar”, sobre o qual refletíamos antes.

Como membro da equipe de profissionais criada pelo *La Vanguardia* em sua reformulação gráfico-editorial de 1989, Rovira colaborou como repórter de temas sociais e enviado especial a países do leste europeu, da Ásia, da América Central e da África, narrando cenários de crise humanitária e conflitos, durante um período em que também desenvolvia experiências fotográficas – sozinho, ou com o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Para a presente investigação, interessa-nos focar nossas análises às incursões de Bru Rovira sobre África subsaariana, publicadas nas seções *La Revista* e *El Magazine*, do jornal *La Vanguardia*, com circulação em todo território espanhol, e posteriormente reunidas no livro *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006). De modo especial, elegemos apresentar neste texto os resultados de nosso trabalho interpretativo com a reportagem *Liberia: la guerra de los tempos modernos*.

Considerando o aparato narrativo distinto que costuma configurar os registros de Rovira, em contraposição aos modelos tradicionais de escritura jornalística, nossa proposta, ao nos acercarmos do objeto de estudo em questão, é verificar se também em relação às coberturas de conflitos uma dinâmica noticiosa divergente se faz notar. Especificamente, nosso objetivo é

⁵ Criada em 03 de outubro de 1989, *La Revista* era uma seção de reportagens publicada diariamente, na cor salmão, nas duas páginas centrais do jornal *La Vanguardia*. Mais informações em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1989/10/03/pagina-31/33083527/pdf.html>

⁶ Entrevista concedida em 04 de dezembro de 2019, como parte de projeto de pesquisa (FAPESP/processo 2018/23954-3) sobre a obra jornalística de Bru Rovira e a atuação da imprensa espanhola no período pós-franquismo.

articular os textos de Bru Rovira à perspectiva do Jornalismo para a Paz (GALTUNG, 1996; LYNCH e MCGOLDRICK, 2000), já que essa prática se caracteriza, como indica Eloísa Nos Aldás⁷, por sua atitude transgressora, de resistência e ruptura frente aos discursos e representações violentas que permeiam a mídia hegemônica.

Neste sentido, o próximo tópico explora as contribuições do campo da Comunicação para a Paz às dinâmicas jornalísticas em zonas de conflito e crise humanitária, de modo a evidenciar as responsabilidades e compromissos profissionais frente a realidades como essas, bem como identificar as configurações do *ethos* narrativo de Rovira neste terreno.

Em diálogo com os Estudos para a Paz

A dimensão da violência atravessa os discursos e as abordagens jornalísticas hegemônicas. No início dos anos 1960, Johan Galtung e Mari Huge já sublinhavam, em investigação publicada na revista *Journal of Peace Research*, a negatividade como um dos fatores que permitem entender por quê um fato ganha estatuto noticioso na cobertura internacional. O estudo *The structure of foreign news*, de 1965, analisa o trabalho editorial desenvolvido em quatro diários noruegueses acerca das crises desencadeadas no Congo, em Cuba e Chipre naquele período, destacando duas conclusões importantes para este nosso capítulo: os atos de violência se convertem em acontecimentos noticiáveis em si mesmos, e quanto menor o *ranking* de uma nação, mais negativas serão as notícias sobre a mesma.

As escolhas jornalísticas, demarcadamente não arbitrárias (SHOEMAKER, 2006; CHARAUDEAU, 2009; TRAQUINA, 2005), tendem a um grau de dramatização ao apelar aos confrontos diretos, à criminalidade e aos acidentes, “causando ou indiferença ante à dor alheia, ou um impulso irracional de ajudar de qualquer maneira e de modo urgente” (GIRÓ; FARRERA; CARRERA, 2014, p.59, tradução nossa), quando deveriam operar para construir a paz, buscando as soluções mais justas possíveis – em favor dos que padecem discriminações e explorações – e com o menor sofrimento possível.

Essa é a mudança de perspectiva que propõe o campo de estudos da Comunicação para uma Cultura de Paz, em seu horizonte específico sobre a prática jornalística: que as informações midiáticas que tratam de realidades de conflito, “como se fossem *reality shows*” (GUZMÁN, 2011, p. 29, tradução nossa), rompam com uma atuação de “apenas promover uma pseudo-paz

⁷ Entrevista concedida em 05 de dezembro de 2019.

de emoções” (idem), e assumam a responsabilidade de preocupar-se para que a repercussão dos conflitos favoreça a paz.

A discussão que figura como pano de fundo, deste modo, é a de uma tomada de consciência dos profissionais sobre a necessidade de se avançar de um modelo informativo reducionista, permeado por aspectos de violência, a um jornalismo, conforme Alberto Piris (2000, p. 354, tradução nossa), “que permita compreender as origens das crises, situá-las em seu verdadeiro âmbito e estender na opinião pública a ideia de que essas podem ser controladas, inclusive antes de que explodam, se lhes forem dedicadas a atenção e os meios necessários”.

Trata-se de uma reflexão que questiona os termos sobre os quais os conflitos são frequentemente concebidos e representados, e que assinala, assim, a importância de se empreender tratamentos narrativos distintos, a partir da conjugação de quatro condutas principais, aludindo à Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000): superar a concepção dualística de ‘nós’ contra ‘eles’, dar voz a todas as partes implicadas, abordar os efeitos invisíveis da violência, e abordar os processos de reconstrução e reconciliação dos conflitos.

A primeira atitude se refere à tendência a reduzir, simplificar e generalizar as realidades, eliminando os matizes na abordagem contextual e humana, que por vezes predominam na cobertura jornalística de conflitos, e que acabam por fomentar uma comunicação egocêntrica, tal qual pontua Fisas (1987, p. 198, tradução nossa), “benéfica com a política interior e crítica em relação a de outros países e grupos”. Incorre, ademais, em preconceitos, estereótipos e relações de inimizade, que derivam facilmente em emoções negativas e hostis, e que podem se converter em elemento de uso político, produzindo tensões ou intensificando conflitos já existentes.

Ao homogeneizar um grupo ou categoria, tornando-os reconhecíveis como um estereótipo particular, um ‘elemento de ordem’ é criado com base em hierarquias de relações aparentemente estabelecidas. Essas hierarquias trabalham para sustentar relações de poder existentes através de um senso de certeza, regularidade e continuidade, e, ao fazê-lo, permite um nível de controle que serve para reforçar os discursos dominantes e as percepções que eles evocam (SPENCER, 2005, p. 80, tradução nossa).

Escutar todas as partes implicadas no conflito, o segundo posicionamento fundante de uma prática jornalística orientada para a paz, associa-se à conduta de romper com um tal maniqueísmo na medida em que, ao promover o diálogo com os envolvidos, não apenas amplia a compreensão sobre a realidade dos diversos atores do conflito, como também os humaniza. Neste sentido, uma inclinação narrativa à cotidianidade dos anônimos pode cumprir um papel importante, como observa Eloísa Nos Aldás (2019, informação verbal⁸), na tessitura de relações

⁸ Entrevista concedida em 05 de dezembro de 2019.

de identificação entre o público e os personagens, sob a estratégia de enquadrar o que todos temos em comum.

Visibilizar outras perspectivas sobre a informação reportada desde o local, por um protagonismo conferido às vidas marginalizadas pelo interesse público e midiático, permite também traçar conexões de micro realidades a problemáticas globais – abordagens transversais, por assim dizer, que dão forma a conteúdos com profundidade e contextualização, em consonância à própria complexidade estrutural dos conflitos. Por isso, a referência aos aspectos invisíveis da violência é tão importante para coberturas noticiosas de paz: abre vias para se inscrever os fatos na história que os precede.

Como explica Galtung (1996), a ênfase do tratamento midiático deve centrar-se em descobrir os porquês das enfermidades, e não em detalhar os sintomas, de modo que o encaminhamento informativo vá além do evidente e da mera descrição, aportando dados relevantes para a compreensão dos fatores em disputa nos cenários reportados – a violência estrutural do sistema internacional, por exemplo, que se manifesta na exploração de recursos dos países periféricos ou na venda de armas leves. Uma maior atenção aos processos, e não aos acontecimentos, podemos assim resumir o terceiro ponto de destaque no âmbito das dinâmicas orientadas para a paz.

Por fim, como o que está em jogo neste campo de estudos é a promoção da justiça social – por uma luta eficaz em favor dos direitos humanos -, é necessário refletir sobre a importância de os discursos indignarem e sensibilizarem a cidadania sobre as realidades de exclusão, motivando-as, sobretudo, à ação e à participação em movimentos de mudança social. Os Estudos para a Paz se caracterizam por assumir um compromisso claro sentido a não-violência (direta, estrutural e cultural⁹), cobrando, portanto, do jornalismo um posicionamento para a transformação criativa dos conflitos – desde os seus processos de reconstrução e reconciliação

Neste sentido, considerando os desafios do Jornalismo para a Paz frente à estrutura conservadora dos meios de comunicação e ao tratamento noticioso dominante, Xavier Giró (2017) lança a reflexão propositiva das *grietas*, espécie de abertura informativa de onde se podem revelar visões alternativas às hegemônicas. São tipos elásticos, que podem se ampliar ou se encolher conforme as reconfigurações das dinâmicas que as sustentam, e que podem emergir como veículos independentes - transmitindo visões de mundo mais críticas, assim perfurando o sistema comunicacional - ou dentro dos próprios meios tradicionais.

⁹ “Por trás de tudo isso está a violência cultural: no simbólico, na religião e na ideologia, na linguagem e na arte, na ciência e no direito, na mídia e na educação. Sua função é bastante simples: legitimar a violência direta e estrutural” (GALTUNG, 1996, p. 02, tradução nossa).

O mais importante, aponta o autor catalão, é que a criação das *grietas* depende do fator humano, ou seja, do movimento de resistência por parte de jornalistas que se assumam enquanto sujeitos políticos. Assim concebemos o *reporterismo* de Bru Rovira, que aqui buscamos identificar como prática de *carreteras* secundárias: também uma rachadura que, desde a atitude noticiosa de reportar vidas e realidades marginalizadas pela noticiabilidade tradicional, inscreve miradas e valores distintos ao exercício jornalístico, inclusive em chave de dissidência com o próprio alinhamento conservador do periódico, buscando um *modus operandi* atento à cotidianidade e à complexidade contextual dos acontecimentos – conduta que, em sua trajetória internacional, toma forma na cobertura de conflitos.

Análise da cobertura jornalística de Bru Rovira sobre *Liberia: la guerra de los tempos modernos*

Para realizar o estudo da narrativa de Rovira sobre os conflitos desencadeados na Libéria no período pós-Guerra Fria, aplicamos o discurso do repórter catalão ao quadro de comparação entre o Jornalismo para a Paz (modelo alternativo) e o Jornalismo de Guerra (modelo dominante), proposto por Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000).

JORNALISMO PARA A PAZ	JORNALISMO DE GUERRA
I – Orientado à paz/ ao conflito	I – Orientado à guerra / à violência
Explora a formação do conflito;	Centra-se no terreno do conflito;
Apresenta um tratamento e uma abordagem mais amplos, críticos e aprofundados sobre o conflito;	Apresenta um tratamento e uma abordagem superficiais e simplificados sobre a guerra;
Explora a complexidade dos atores implicados no conflito;	Centra-se nos atores principais;
II – Orientado à verdade	II – Orientado à propaganda
Expõe as falsidades de todos os lados;	Expõe as falsidades dos “outros” e colabora com “nossos” enganos e mentiras;
Defende um compromisso com a justiça, a liberdade e a paz;	Defende a objetividade e a neutralidade jornalísticas;

III – Orientado à gente	III – Orientado às elites
Enfatiza o sofrimento de todos os atores;	Enfatiza o sofrimento dos “nossos”;
Dedica atenção às pessoas, dando voz aos que normalmente não a tem;	Dedica atenção aos homens da elite, personalizando as guerras e convertendo-as em seus microfones;
Identifica e destaca todos os grupos e pessoas que trabalham pela paz;	Identifica e destaca os homens da elite que trabalham pela paz;
IV – Orientado à solução	IV – Orientado à vitória
Destaca todas as iniciativas de paz, também para prevenir mais violência;	Ocultas as iniciativas de paz até que a vitória esteja garantida;
Promove efeitos e repercussões que contemplam a resolução, a reconstrução e a reconciliação.	Vive para uma próxima guerra, ou para a mesma, se volta a violência.

(Fonte: LYNCH e MCGOLDRICK, 2000, p. 29)

Extraímos, deste modo, citações literais dos textos de Rovira que, pelo conteúdo que têm ou pela linguagem que utilizam, bem correspondem a algum dos quatro grandes pares de orientação do quadro e se associam a algum de seus vetores específicos contrapostos. Essas citações são como proposições que sintetizam e expressam descrições, interpretações ou valorações do jornalista sobre a realidade dos conflitos que está cobrindo, o que nos permite identificar a tomada de posição de seu discurso e também os caminhos narrativos por ele elegidos para reportar o país em questão.

Nosso objetivo, assim, além de constatar se existe uma aproximação entre a cobertura jornalística de Bru Rovira sobre a Libéria e a perspectiva do Jornalismo para a Paz, foi também registrar as incursões narrativas por ele empreendidas para tratar dos assuntos reportados, isto é: se houve uma abordagem complexa dos conflitos, como ou por quais caminhos isso foi alcançado; se as pessoas comuns, e não as elites, foram o centro de seus relatos, e como isso se revelou em sua escritura; de forma que, a partir de então, nos seja possível depreender considerações sobre a configuração narrativa do jornalismo de *carreteras* secundárias.

a) **Orientado à paz/ao conflito ou Orientado à guerra/à violência**

Frente a este grande par de orientações contrapostas estabelecido por Lynch e McGoldrick (2000, p. 29), verificamos o predomínio da lógica do Jornalismo para a Paz no discurso do autor. Em geral, Bru Rovira não se centra no terreno da confrontação ao identificar e explicar as causas dos conflitos, mas busca estabelecer suas relações com os processos históricos de colonização, independência e Guerra Fria que atravessaram o país, bem como detalhar a formação dos conflitos desde fatores internos que já anunciavam problemáticas e riscos para a eclosão de combates.

Começa, assim, com uma primeira estratégia narrativa de inscrever a realidade de guerra civil da Libéria, em 2003, em perspectiva relacional com a Guerra Fria, a partir dos interesses dos Estados Unidos no território, onde possuía a maior base de espionagem e transmissões da África Subsaariana, com o sistema Ômega alojado em Monrovia para disparar misseis desde os submarinos do Atlântico, e com interferências em apoio ao golpe de Estado de Samuel Doe, em 1980, que bem servia às políticas norte-americanas daquele período: “esse era o caráter do governo da Libéria, explorado pelos Estados Unidos na Guerra Fria como um instrumento de usar e jogar fora”, escreve Rovira (2006, p.138, tradução nossa).

A posterior escalada ao poder de Charles Taylor, através da incitação de uma revanche tribal pelos *gio* e *manos*, reunidos sob as siglas da Frente Nacional Patriótica da Libéria (NPFL), contra os *krahn* e *mandinga*, que durante os anos de governo de Doe os haviam perseguido, é explorada narrativamente por Rovira como a transição das lógicas de conflitos da Guerra Fria à nova ordem dos Senhores de Guerra: “se Charles Taylor é o arquétipo dos que chegavam, na década de 1990, Samuel Doe era um bom exemplo daquele período da história que ficava para trás” (ROVIRA, 2006, p.135, tradução nossa).

A emergência de um novo tipo de violência organizada, denominada por Mary Kaldor (2003, p. 79) de “novas guerras”, ganha terreno em contextos de erosão da autonomia dos estados, cenário enfrentado por muitos países africanos no pós-Guerra Fria, e se caracteriza, sobretudo, pela diversidade de tipos de forças armadas e por um poder que já não mais deriva de uma fonte central, e sim dos que exercem controle sobre o contrabando de armas, o tráfico de drogas e os recursos naturais.

São guerras em rede porque são constituídas por redes armadas de atores estatais e não-estatais. Incluem grupos paramilitares organizados em torno a um líder carismático, senhores de guerra que controlam territórios concretos, células terroristas, voluntários fanáticos, organizações criminais, unidades de forças regulares e outros corpos de segurança do Estado, assim como mercenários e companhias militares privadas (KALDOR, 2003, p.79, tradução nossa).

Por isso, a contextualização histórica empreendida por Rovira (2006, p. 135, tradução nossa) para tratar dos conflitos liberianos de 2003 é também permeada pela problemática das armas e da exploração de recursos naturais na região, que “configuram um círculo perverso alimentado pelo crime e pelo tráfico ilegal” e permitem “manter viva a privatização da luta armada”. Desde o período escravista, as armas de fogo ocupam um lugar de destaque na relação entre Europa e África: são um produto essencial, afirma Sebastián (2007, p. 64, tradução nossa), que a Europa vende ao continente africano em troca de ouro, diamantes, petróleo, minerais, cacau, café e etc. Os países europeus armaram os países africanos em uma medida totalmente desproporcional e contraproducente para o seu desenvolvimento político e para segurança civil de suas populações, e “estabeleceram uma espiral crescente de violência há mais de 400 anos, onde os reis africanos, que necessitavam cativos e não dispunham de equipes para fabricar armas de fogo, se viram obrigados a comprá-las dos europeus, e esses só a vendiam em troca de escravos”.

Na perpetuação dos confrontos que assolam a Libéria, portanto, e outros tantos países africanos, está o fato de que “os combatentes podem se abastecer no mercado internacional sob uma lógica que promove uma sorte de poder corrupto onde o guerreiro se torna senhor e mestre, ao mesmo tempo que os cidadãos se convertem em seus reféns” (ROVIRA, 2006, p. 154, tradução nossa). Durante as ofensivas das forças armadas de oposição para derrubar Charles Taylor, iniciadas em cinco de junho de 2003, os combates foram tão intensos que os locais chegaram a chamá-los de Terceira Guerra Mundial - a guerra de verão que obrigou Taylor a fugir para Nigéria no dia 11 de agosto se desenvolveu em 3 atos, e teve seu pior momento em 18 de julho, quando os rebeldes lançaram munição abundante sobre os pontos nevrálgicos da capital.

A prática jornalística que explora a historicidade dos fatos e uma abordagem complexa ao entorno social favorece também a promoção de nuances sobre a realidade e as pessoas reportadas, de modo a romper com associações maniqueístas e contribuir com uma dinâmica mais orientada à verdade que a propaganda, conforme a segunda disjuntiva do quadro de Lynch e McGoldrick (2000).

b) Orientado à verdade ou Orientado à propaganda

Aqui, evidenciamos que a conduta narrativa de Bru Rovira busca apartar-se dos discursos oficiais para problematizar as ações de interferência estrangeira na realidade liberiana e para denunciar a convivência de empresas internacionais em negócios obscuros no país. O

princípio da cadeia de distribuição de armas no território não está, segundo apurado em sua reportagem, “nos grupos mafiosos ou governantes ditatoriais, mas nos países que asseguram zelar pela segurança e paz no mundo” (ROVIRA, 2006, p. 155, tradução nossa). Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) – França, Rússia, China, Reino Unido e Estados Unidos – são os que mais armas convencionais vendem, acumulando 88% das exportações realizadas no mundo.

No caso dos conflitos de 2003, que desembocaram na queda de Charles Taylor, o armamento utilizado nos combates pelas forças rebeldes foi comprado no Irã, com mediação da República da Guiné, e chegou na capital Conacri através de voos realizados pela companhia ucraniana LVIV. Foram os próprios militares guineenses, destacados pelas Nações Unidas dentro do contingente das forças de manutenção de paz para Serra Leoa, o MINUSIL, que o transportaram até a fronteira da Libéria e o entregaram ao LURD: “os traficantes de armas eram seus soldados em missão de paz”, conforme aponta Rovira (2006, p. 152), e para as companhias estrangeiras, “pouco importa que as mãos que recolhem seu dinheiro sejam mãos ensanguentadas”.

O tom crítico à atuação da Missão das Nações Unidas para a Libéria (UNMIL) também prevalece nos registros do repórter:

Em uma daquelas noites me fixei em um grupo de soldados do UNMIL que conversavam animadamente enquanto tomavam grandes canecas de cerveja. ‘Como vocês estão?’ – perguntei a um dos bósnios. ‘-Nenhum problema’. ‘-E com os liberianos?’. ‘- Que gente tão selvagem!’ – riram, em coro, os soldados da ex-Iugoslávia. [...] Ao escutá-lo, não sei se o que resulta mais chocante é a visão hipócrita e racista que nós europeus temos da África ou o cinismo com que costumamos olhar para nós mesmos” (ROVIRA, 2006, p.129, tradução nossa).

A cercania, neste sentido, é um dos dispositivos acionados por Rovira para empreender uma apuração atenta, densa em matizes no que diz respeito ao olhar sobre as relações de poder que atravessam a cooperação internacional, e também interessada em abordar os conflitos desde suas implicações na vida comum. Essa dinâmica, que é uma atitude vital do jornalismo de Rovira, bem associa as duas proposições iniciais da perspectiva para a Paz ao par seguinte de orientações de Lynch e McGoldrick (2000), como pretendemos assinalar adiante.

c) Orientado à gente ou Orientado às elites

A terceira disjuntiva inscreve a preocupação do Jornalismo para a Paz em conferir protagonismo aos sujeitos cujas vidas e vozes não são considerados pelos discursos dominantes, ao passo que o modelo para a Guerra se centra nas elites e em seus interesses. As incursões narrativas de Rovira sinalizam para um intento de aproximação dialógica com diferentes grupos

envolvidos na realidade local: registram o testemunho de garotos sequestrados pelos Senhores de Guerra em meio à queda de Charles Taylor, como é o caso de Ibrahim e sua irmã, de homens que tiveram que abandonar seus lares pelas perseguições entre as guerrilhas, como James, ou, ainda, daqueles que estão do outro lado – soldados dessa nova ordem de guerra que, sob a mirada das *carreteras* secundárias, em orientação à paz, são humanizados e reportados em suas trajetórias de vida e percepções sobre os conflitos.

Morris, Varney e Sako protagonizam esses relatos. Converteram-se em membros do exército de Taylor aos doze anos, quando empunharam um fuzil pela primeira vez após terem suas aldeias queimadas e suas famílias assassinadas. Passaram a última década lutando junto à Unidade Anti-terrorista (ATU), dirigida pelo filho de Taylor, Chuckie – a mesma ordem que destruiu os seus lares. Nunca foram à escola, e não têm outros laços que aqueles que mantêm entre si desde então:

– Sabe? – diz Morris, enquanto desenha círculos na areia com um graveto. – A primeira vez que você mata, o faz com uma arma na sua bochecha. Ou mata, ou morre. Essa é a instrução. É assim que te convertem em um soldado. Então, nada mais importa. Depois de um tempo, sua família são os camaradas de armas, e a guerra é a única vida que você é capaz de levar (ROVIRA, 2006, p. 148, tradução nossa).

Pelo deslocamento do ponto de vista, a reportagem sobre as guerras na Libéria se reveste da abordagem compreensiva que estamos a enfatizar aqui: “é a escuta que te pode levar ao mais profundo do ser humano, a te fazer perceber que uma pessoa em combate também ama, também sofre, é movida por muitas coisas como você” (ROVIRA, 2019, informação verbal¹⁰). Abre, assim, brechas para se refletir sobre as dimensões estruturais, nem sempre visíveis, que sustentam a lógica dos conflitos: “- Qual foi a razão da guerra para vocês?”, pergunto. – ‘Os políticos são os que decidem. Eles foram à escola, sabem ler os papéis. Os intelectuais também. São os que organizam. Nós só sabemos ir ao combate’, responde Morris” (ROVIRA, 2004, p. 149).

Tampouco lhes resta riqueza, já que são os comandantes que se aproveitam do que é roubado – “é só olhar para os carros que dirigem’, é o que sugere Varney” (ROVIRA, 2004, p.148, tradução nossa). Depois da fuga de Taylor, decidiram entregar seus fuzis em troca de duzentos dólares, e assistiram ao curso de reeducação organizado pelas forças de pacificação no país, porque assim também conseguiam se alimentar três vezes ao dia. “O problema está no que fazer agora, uma vez reeducados, mas sem estudos, sem família, sem terem aonde viver. ‘- Me faz mal pensar no futuro’ – diz Morris. O futuro...” (ROVIRA, 2004, p. 148, tradução nossa).

¹⁰ Entrevista concedida a autora em 02 de outubro de 2019.

Considerações

Em grande medida, escreve Mark Huband (2004, p. 16, tradução nossa), em seu livro *África después de la Guerra Fría: la promesa rota de un continente*, “a culpa pela intransigência dos déspotas africanos deve ser atribuída aos poderes estrangeiros, que concederam uma credibilidade decisiva a alguns dos piores líderes que o mundo já conheceu”. Essa linha de reflexão tece também a posição ideológica de Rovira sobre os conflitos na Libéria, como tivemos a oportunidade de verificar a partir da análise de suas incursões narrativas através das macro-proposições extraídas de seu discurso.

Sua cobertura jornalística estabelece como marco para tratar a realidade moderna do país o período da Guerra Fria e a estratégica relação que os Estados Unidos estabeleceram com o território, enquanto esse lhes servia a seus interesses de espionagem e exploração de recursos no continente africano. Os oito textos compilados no livro *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006) foram publicados como uma grande reportagem na seção *El Magazine*, do jornal *La Vanguardia*, em 16 de maio de 2004, e manifestam a mirada do repórter catalão à evolução das dinâmicas de guerra, desde a lógica do mundo polarizado pós Segunda Guerra Mundial até a dos Senhores de guerra, que atualmente impera em alguns países africanos.

O tratamento narrativo de Rovira elege, assim, focar essas novas guerras que assolam a Libéria sob a implicação norte-americana nos golpes de Estado e eleições fraudulentas de Samuel Doe, em 1980, e de seu conseqüente abandono com a escalada de Charles Taylor ao poder, no início dos anos 1990, deixando como rastro o fortalecimento das juntas militares e do tráfico de armas na região. Aqui, uma vez mais, portanto, evidenciamos o trabalho jornalístico de Rovira de abordar os equívocos de todos os lados, conforme orienta a disjuntiva de Lynch e McGoldrick (2000) sentido à verdade, e que em seu discurso toma forma pela crítica ao envolvimento estratégico, e ademais colonial, do Ocidente com a África.

Além de priorizar um recorte espaço-temporal amplo em seus relatos, de modo a explorar a evolução da configuração dos conflitos – que, se antes se baseavam em estruturas verticais e hierarquizadas, hoje incluem uma grande disparidade de atores e grupos, cuja legitimidade “se produz em estados frágeis, falidos, colapsados ou caóticos” (FISAS, 2002, p. 85, tradução nossa) -, o *reporterismo* de Rovira se atenta aos diferentes matizes dos atores implicados nesta nova ordem, aproximando-se das histórias dos soldados recrutados pelo governo Taylor – Morris, Sako e Varney.

A escuta de seus relatos e o registro do que pensam sobre a guerra os homens que trabalham para o mesmo exército que matou seus familiares, conduz a narrativa de Rovira sentido à humanização dos atores implicados nos conflitos, rompendo com o tradicional

esquema dualístico de heróis e vilões que costuma protagonizar a cobertura midiática. Da análise desenvolvida neste estudo, portanto, extraímos uma matriz ideológica e narrativa que aproxima a prática noticiosa de Rovira ao Jornalismo para a Paz, pela priorização de um modelo narrativo complexo e orientado às pessoas em sua conduta e escritura jornalística.

Referências

- FISAS, V. **Introducció a l'estudi de la pau i dels conflictes**. Barcelona: RBA, 1987.
- GALTUNG, J.; HUGE, M. The Structure of Foreign News. **Journal of Peace Research**, Vol. 2, No. 1, pp. 64-91, 1965.
- GALTUNG, J. **Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization**. Oslo: PRIO, 1996.
- GIRÓ, X.; FARRERA, L.; CARRERA, M. Análisis de la cobertura en dos televisiones públicas de la catástrofe humanitaria de Haití. **QUADERNS DEL CAC**, vol. XVII - julio 2014.
- GIRÓ, X. Modos híbridos y complejos de informar sobre cooperación. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones"**, vol. 10, no. 1, 2017, p.84-107.
- GUZMÁN, V. **Filosofía para hacer las paces**. Barcelona: Icaria, 2001.
- HUBAND, M. **África después de la guerra fría: la promesa rota de un continente**. Barcelona: Paidós, 2004.
- HUERTAS, J. M. **Una historia de La Vanguardia**. Barcelona: Angle Editorial, 2006.
- KALDOR, M. Haz la ley y no la guerra: la aparición de la sociedad civil global. In: CASTELLS, Manuel; SERRA, Narcís (Org). **Guerra y paz en el siglo XXI: una perspectiva europea**. Barcelona: Tusquets, 2003.
- KAPUSCINSKI, R. **Los cínicos no sirven para este oficio: sobre el buen periodismo**. Barcelona: editorial Anagrama, 2002.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6.ed. Record, Rio de Janeiro, 2005.
- LYNCH, J.; MCGOLDRICK, A. **Peace Journalism – What is it? How to do it?** 2000.
- PIRIS, A. Un periodismo deseable. In: SÁNCHEZ, G.; LEGUINECHE, M. (Orgs). **Los ojos de la guerra**. Plaza & Janes Editores, 2001.
- ROVIRA, B. **Áfricas: cosas que pasan no tan lejos**. 2. ed. Barcelona: RBA Libros, 2006.
- SEBASTIÁN, L. **África, pecado de Europa**. Madrid: Editora Trotta, 2007.
- SHOEMAKER, P. News and newsworthiness: a commentary. **Communications**, v.31, 2006.
- SPENCER, G. **The media and Peace**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.